

# AS ESTRATÉGIAS DE INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO

## EMPREENDEDORA: um estudo de caso do Movimento Luz na Educação

Amanda Rodrigues <sup>1</sup>  
Rodrigo de Azevedo Cruz Lamosa <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho pretende fazer um debate propedêutico sobre o tema da inovação na educação brasileira, esta já fortemente marcada por uma perspectiva do empreendedorismo que acentua a responsabilidade individual frente a um mundo do trabalho cada vez mais desregulamentado e desprotegido. A inovação tem sido entendida como a mais nova panaceia para a escola pública brasileira que, em associação com as Tecnologias de Informação e Comunicação (feita de forma desigual e com planejamento a desejar), vem estabelecendo novos pressupostos para a atualização da pedagogia empreendedora. Nesse sentido, debateremos a relação entre inovação e tecnologia no contexto educacional e abordaremos o Movimento Luz na Educação (LED) da Fundação Roberto Marinho como um importante estudo de caso porque, além de ser um produto novo dessa importante agência de produção de políticas educacionais do Capital, ele esboça as novas orientações de captação de ideias e potenciais criativos de educadores e educandos. Além disso, existe a possibilidade de abertura de novos flancos de penetração de toda sorte de mercadorias educacionais que vendem-se como “soluções educacionais”. Pretendemos assim trazer para a superfície as principais motivações da Fundação e como essas se conectam com as demandas de formação dos estratos subalternos em novas configurações do mundo do trabalho.

**Palavras-chave:** Fundação Roberto Marinho, Soluções educacionais, Tecnologias da Comunicação e Informação

### INTRODUÇÃO

A definição das políticas públicas de exercícios de direitos sociais, como é o caso da escolarização, é permeada de disputas de projetos e compreender como os agentes privados das mais variadas matizes ideológicos se organizam para disputar seus projetos nos permite compreender como podemos localizar os interesses que subjazem as propostas que, em grande sentido, se vendem como universais. Dessa forma, esse artigo pretende discutir como o projeto de educação empreendedora se expressa no trabalho da Fundação Roberto Marinho, esta entendida como uma das maiores formuladoras e difusoras de uma educação de fundo neoliberal no Brasil.

O que entendemos por educação de fundo neoliberal expressa-se de forma mais ampla do que aquela unicamente representada pela defesa irrestrita do modelo vigente de acumulação, mas

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, [amanda.rodriigues@gmail.com](mailto:amanda.rodriigues@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor Doutor no Programa de Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Estado do Rio de Janeiro, [rodrigo1281@yahoo.com.br](mailto:rodrigo1281@yahoo.com.br).

sobretudo pelos princípios teóricos e práticos que estruturam a sua pedagogia política e que, segundo o que defende esse trabalho, gira em torno da formação e conformação de uma juventude em grande medida alijada de um mundo do trabalho com direitos garantido e que precisará contar cada vez mais com a sua própria capacidade de lidar com o aprofundamento das crises do capitalismo, traduzidas em aprofundamentos dos ajustes fiscais, a dita austeridade.

Dessa forma, testemunhamos ao longo da última década movimentos que confluíram para o estabelecimento de um escopo jurídico de cunho autoritário – vide a aprovação da Base Nacional Comum Curricular e a Reforma do Ensino Médio implementadas sem amplo debate – que possibilitou a estruturação de currículos escolares dirigidos para a educação empreendedora que, segundo o Ministério da Educação, “tem o objetivo de trabalhar as Competências Empreendedoras previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)” (Ministério da Educação, 2021). Fica manifesta a partir desse excerto que a implementação da educação empreendedora é uma política pública que visa a formação de mentalidades voltadas para o exercício de uma vida profissional assentada no privado e sem grandes expectativas de sucesso além de sua própria capacidade de empreender.

Em suas mais de quatro décadas de atuação, a Fundação Roberto Marinho (FRM) vem desempenhando a partir de seus projetos educacionais um papel importante na implementação da pedagogia política do Grupo Globo, de tal maneira que a compreensão dessa atuação é reflexo da própria história da educação brasileira e suas vinculações de classe. Entendemos que tais projetos foram (e são) coadunados com os interesses da classe dominante em suas expectativas para a formação escolar da classe trabalhadora desde os anos finais da década de 1970.

Ligada de forma umbilical ao conglomerado midiático que tem a Rede Globo de Televisão como principal veículo de comunicação de massas, a FRM vem trabalhando como o braço responsável tanto pela formulação de uma pedagogia política capaz de traduzir a ideologia dominante à classe trabalhadora quanto de atuar na frente da mercantilização da educação, produzindo produtos a serem vendidos exclusivamente a sistemas públicos de ensino, caracterizando a investida ao fundo público como principal estratégia de privatização da educação.

Em face dos novos processos de digitalização, a pedagogia política do Grupo Globo expressa pela FRM plasma a educação empreendedora e a inovação com o avanço da plataformização, conformando uma ideologia embasada na lógica empresarial e de mercado com o trabalho digital, esse marcado pela profunda dependência da mediação tecnológica que são estruturadas pelas *BigTechs*, como a Google, Meta, Amazon etc. Dessa forma, temos que esse novo conteúdo da dinâmica do mundo do trabalho é tanto

apresentado pelas estratégias de plataformização da educação quanto pela propaganda pública, a partir da mais recente estratégia de apelo ao consenso que é o Movimento LED.

Assim, esse trabalho, a partir dos elementos expostos, trabalhará no sentido de apresentar o paradigma da educação empreendedora e inovadora aliada às novas formas de trabalho digital como dois grandes eixos estruturadores da pedagogia política da FRM, bem como o trabalho realizado pelo LED no sentido de amplificar essas diretrizes em razão da ampliação do consenso sobre essas ideologias.

Para tanto propomos uma discussão a partir de dados contidos na documentação de agentes públicos e privados, relatórios e apostilas de materiais didáticos oferecidos pela FRM. Além disso, utilizaremos informações e dados extraídos das *websites* ligadas à FRM para que se possa extrair os principais elementos de objetividade das intencionalidades manifestas pelo debate proposto por esse trabalho.

De forma a dar unicidade aos temas aqui apresentados, tratamos como nossa principal hipótese de trabalho

### **Educação empreendedora e inovação**

A educação empreendedora, como o próprio nome sugere, é a modalidade de educação escolar centrada na formação de indivíduos capazes de se tornarem alfabetizados no receituário empresarial, uma demanda urgente dos dias atuais. A urgência na formação desse tipo de trabalhador, hoje uma demanda objetivada nas políticas públicas no Brasil via BNCC, é a resposta mais imediata que um certo tipo de educação formal vem dando ao arrocho cada vez mais aprofundado no destino do orçamento aos serviços públicos. Volta e meia retorna ao noticiário o debate sobre a vinculação orçamentária à saúde e educação, o destino cada vez mais privatizado do FUNDEB, os mecanismos orçamentários que desviam dinheiro da educação, como a Desvinculação de Receitas da União (DRU) etc.

O que o neoliberalismo vem mostrando nos últimos trinta anos de hegemonia é que quando a crise se aprofunda, os trabalhadores, em seu conjunto, pagam a conta, seja diretamente via aumento dos juros da dívida pública, seja indiretamente, via dominação pela ideologia burguesa. E é no sentido da dominação que a ideologia do empreendedorismo é traduzida nas escolas como uma educação empreendedora, que está para além de ensinar a forma como uma criança ou jovem abrirá seu próprio negócio, mas sim como desenvolverá competências que, juntas, mobilizam um escopo de atributos capazes de formar um indivíduo absolutamente permeável.

O SEBRAE (parceiro da FRM) vem se constituindo como um dos maiores formuladores da educação empreendedora no Brasil e disponibiliza seus materiais para escolas e educadores. De acordo com eles, educar para o empreendedorismo “se concentra no desenvolvimento de habilidades que ajudarão os alunos a reconhecer problemas e oportunidades na sociedade, criar projetos e reunir pessoas em torno de um propósito” (SEBRAE, [s.d.] p.5), o que demonstra que o que está em jogo é o desenvolvimento de uma ética empresarial nas escolas, não a ideia de que seja sustentável uma sociedade onde todas as pessoas sejam empresárias.

Ainda de acordo com o SEBRAE, as habilidades a serem formadas são: i) Colaborar e trabalhar em equipe; ii) Falar em público e preparar uma apresentação eficaz (digital e presencial); iii) Coletar, analisar e usar dados; iv) Utilizar as redes sociais para promoção do seu negócio; v) Lidar com problemas complexos, que não têm uma resposta definitiva; v) Usar a curiosidade e a criatividade para encontrar uma abordagem inovadora para problemas difíceis (ibid., p.6). A conclusão a que chegamos com os principais objetivos da formação escolar segundo a ética empreendedora é que esse indivíduo deverá ser capaz de lidar com os problemas insolúveis resultantes do aprofundamento das crises econômicas a partir de um viés absolutamente individualista, manejando e mitigando as consequências, sem jamais questionar a ordem econômica e social criadora e mantenedora das desigualdades.

No ano de 2024 a FRM se une ao SEBRAE a partir do Canal Futura lançam juntos a ação *Educação Empreendedora em Rede* que consiste em cursos (Gestão educacional: ferramentas para uma prática empreendedora; Dando o play no futuro: ferramentas para a ação) e um *e-book* que têm como objetivo “estimular o desenvolvimento de competências em pessoas, para que possam construir seus projetos de vida de forma empreendedora” (Fundação Roberto Marinho, 2024) e, assim incorporar o design de futuros, juventudes e metodologias ativas, gameificação, computação desplugada, pensamento computacional e multiletramentos.

Já o Instituto Cíclica (outro parceiro da Fundação Roberto Marinho) menciona as competências empreendedoras a partir da inexorabilidade do empreendedorismo por necessidade para a juventude subalternizada:

Dado que empreender tem sido uma alternativa para muitos jovens, é preciso promover o empreendedorismo qualificado. Para isso, é preciso desenvolver as habilidades empreendedoras, apoiar iniciativas inovadoras por editais públicos, e facilitar o acesso ao crédito e ao microcrédito (Instituto Cíclica, 2023, p.9)

Dessa forma compreendemos que as estratégias da educação empreendedora se alicerçam na formação de uma ética empresarial e em habilidades empreendedoras que são movidas, por sua vez pela dinâmica da permanente demanda pela inovação. O empresariamento nessa perspectiva da precariedade consome energia criativa como seu principal combustível, na medida em que o componente do capital para o investimento precisa ser rebaixado à quase inexistência. Por isso que a o estímulo à criatividade é a ordem do dia, o “fazer do limão uma limonada”.

### **Trabalho digital e plataformização**

O trabalho digital (aquele que se caracteriza pela realização segundo mediação por plataformas digitais) vem se caracterizando como uma modalidade que torna as fronteiras entre real e virtual mais plásticas, acomodando dinâmicas que penetram fissuras tais quais líquidos que se espriam por todo espaço disponível em uma superfície qualquer. A característica fundante do trabalho enquanto atividade realizada em um espaço específico perde força na sua modalidade digital, na medida em que pode ser realizado em qualquer lugar do planeta, compreendendo o próprio mundo enquanto unidade potencialmente conectada via internet. Da mesma forma, as barreiras das distâncias entre a produção e realização da mercadoria também têm sido encurtadas, muitas vezes com a conexão das pontas dos processos produtivos e eliminação das intermediações.

Por plataformização compreendemos o processo de expansão do trabalho digital mediado pelos aplicativos e plataformas digitais cuja dinâmica vem transformando radicalmente o mundo do trabalho espaço-temporalmente. No curso da pandemia da COVID-19 essa modalidade de trabalho teve um crescimento exponencial, demonstrando tanto o nível de adesão da classe trabalhadora naquele momento ainda mais desamparada, quanto as limitações e inúmeros problemas decorrente de uma expansão sem regulamentação e proteção ao trabalhador (pois as mesmas se definem como meras intermediárias das relações entre prestadores de serviços e usuários).

A expansão digital também serve como ampliação de mercado que, para se dar, necessita de um aprofundamento da condição de alienação do trabalhador do conjunto de sua classe. Se nos primórdios do taylorismo a produção de mercadorias passou a ser

afinada com a demanda por elas (produção *just-in-time*), com a expansão do trabalho digital e da plataformização, o trabalhador ele mesmo é um trabalhador *just-in-time* (Abílio, 2020), demandado e remunerado na medida da necessidade. Todos os poros e interstícios inerentes a uma jornada de trabalho não são pagos, ainda que esse trabalhador esteja inteiramente disponível para a plataforma.

Sob essa perspectiva, percebemos que a radicalização do discurso da autoexploração e autorrealização são inerentes à formação de uma força de trabalho deixada à própria sorte. E conforme avançamos no desenvolvimento desigual de tecnologias que vem substituindo a força de trabalho nos postos formais, aliado ao desenvolvimento de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) expresso pelo atualíssimo capitalismo de plataformas, o proletariado “empreendedor” alocado majoritariamente no setor de serviços é propagandeado como um “*burguês-de-si-próprio e proletário-de-si-mesmo*” (Antunes, 2020, p.34), ainda que se coloque em condições de adoecimento laboral, físico e mental, com poucas (ou nenhuma) possibilidades de assistência social. Magalhães assim resume:

Teríamos, assim, empreendedores e seus familiares, condicionados a não terem direitos e regulamentações trabalhistas, e ainda ocupando quase a totalidade de seu tempo diário com o trabalho, sobrando muito pouco tempo disponível para outras atividades que contribuem para a construção do gênero humano. Formar-se-iam, desta maneira, fileiras de trabalhadores alienados e servos do trabalho, trabalho esse que deveria libertar a humanidade, mas que, no capitalismo, tem servido para aprisionar e explorar o trabalhador e favorecer os que os colocam em situação de pobreza, miséria e desigualdade frente à classe burguesa. (Magalhães, 2023, p.144)

Assim, a atualização da pedagogia política da burguesia em torno do trabalho digital e plataformizado passa pela escola, formando e conformando estudantes e profissionais da educação. A rotina escolar já acentuadamente orientada pela via gerencialista vem passando pela repaginação digital e precisa contar com o engajamento de todos os atores sociais nela atuantes, o que exige uma intervenção de caráter estrutural e fortemente impositiva, gerando efeitos que se desdobram para a saúde laboral e sobrecarga dos professores e estudantes.

### **O caso do Movimento LED**

O Movimento LED é uma proposta do Grupo Globo para a difusão de ideologia, caracterizando-se assim como disputa de hegemonia pela adesão do conjunto da sociedade a um projeto específico de educação. Apesar de não ser exatamente a Fundação

Roberto Marinho a organizadora do LED, certamente entendemos que é ela quem fornece os subsídios teóricos e metodológicos que caracterizam o conteúdo ideológico dessa ação pública. Nossa hipótese é que o Movimento LED é um produto do Grupo Globo criado para a defesa da expansão da educação segundo os elementos aportados pela discussão anterior, centrada na formação para o trabalho digital e na expansão da plataformização.

O que chamam de Movimento LED é um conjunto de três ações específicas: 1) a comunidade LED, um espaço onde o conteúdo da pedagogia política do Grupo Globo é socializado, além de conter informações sobre os projetos vencedores; 2) o prêmio LED, momento em que sete projetos previamente selecionados recebem uma recompensa em dinheiro; 3) festival LED, culminância pública que agrega todo o *staff* do Grupo Globo, além de personalidades amplamente reconhecidas e que acontece todos os anos na Praça Mauá, nos Museus do Amanhã e da Arte do Rio, ambos administrados pela Fundação Roberto Marinho.

A Comunidade LED é o espaço onde o conteúdo da pedagogia política do Grupo Globo é amplamente divulgado para o grande público. Lá, encontram-se artigos e materiais formativos, propostas metodológicas, além da divulgação dos projetos vencedores do Prêmio LED.

A Comunidade LED oferece conteúdo sobre novas metodologias, tecnologias disruptivas, experiências educacionais em sala de aula e fora dela, alfabetização de futuros, habilidades socioemocionais e tudo sobre educação inovadora. Por lá você encontra também todos os detalhes das iniciativas finalistas do Prêmio LED, podcasts, oficinas, ferramentas, mentorias, histórias inspiradoras, entrevistas, pesquisas em primeira mão e muito mais! (Globo, 2022)

A Comunidade LED, dessa forma, é a face de legitimação do conteúdo da pedagogia política do Grupo Globo. É a estratégia de capilaridade a partir do cotidiano dos educadores que podem ser formados e conformados a partir de determinados conteúdos. Nesse trabalho não será possível aprofundar em quais parâmetros essa pedagogia política é fundamentada, mas é possível antecipar que o aporte teórico do horizonte da Terceira Via da educação alicerça-se em quatro parâmetros, de acordo com Martins *et al* (2010, p.105): 1) uma ordem social pós-tradicional; 2) uma globalização intensificadora; 3) uma sociedade civil ativa; 4) um novo Estado democrático.

Esses parâmetros revelam a produção de uma pedagogia da hegemonia que orienta uma direita para o social e que incorpora em sua agenda boa parte da pauta de opressões (as chamadas pautas identitárias) de forma alienada, desconectada das suas condições de

manutenção da ordem social. Assim, as questões sociais, de gênero, sexualidade, dentre outras, são incorporadas no material disponibilizado ocultando as condições estruturais, o que possibilita o sequestro do debate e a consequente imobilização das possibilidades de superação da ordem econômica e social que perpetuam as violências perpetradas sobre esses segmentos da população.

O prêmio LED é uma estratégia bastante refinada de penetração nas escolas e demais organizações sociais. Ele pretende, a partir da premiação em dinheiro, estimular que o potencial criativo e de resoluções de problemas nas escolas seja monetizado como ação de propaganda de uma empresa privada que historicamente se preocupa com a valorização de sua marca. Essas ações possibilitam a sedimentação no imaginário social de uma imagem de filantropia privada, o que vem legitimando há décadas que o Grupo Globo, através da Fundação Roberto Marinho e demais empresas da *holding*, seja um ator de relevância no debate público, orientando políticas públicas para a educação a partir de sua teia de interesses.

Já o Festival LED é o ponto máximo desse projeto, já que, a partir da ocupação do espaço público, torna todo esse processo uma culminância que envolve artistas, intelectuais, ONGs, ex *Big Brothers*, e tantos outros atores da sociedade civil. O Festival LED é, portanto, a vitrine onde tudo o que foi construído ao longo do ano é exibido em forma de consenso, na medida em que não existem visões diversas no conteúdo e na forma. Assim, o Festival LED expõe o conteúdo de uma educação onde todos concordam com os pressupostos da igualdade nas desigualdades, sem o questionamento frontal com o sistema que cria as desigualdades e mantém as pessoas em condição de subalternidade e inclusão produtiva desigual.

### **À guisa de conclusão**

Com esse artigo que extrai elementos de uma pesquisa de doutoramento ainda em construção, pretendemos traçar um panorama mais geral do horizonte formativo da classe trabalhadora a partir do trabalho digital como a mais nova forma de expansão do mercado de trabalho. Atravessando sucessivas crises, o sistema capitalista de produção se reorganiza em patamares que sempre exige mais e mais austeridade, tirando do Estado a capacidade de fornecer subsídios institucionais de manutenção de direitos sociais e trabalhistas e exigindo do trabalhador a capacidade de resiliência.

Dessa forma, o trabalho digital e plataformizado é, nos dias de hoje, a forma como a classe trabalhadora, principalmente dos estratos mais subalternos, sobrevivem, seja

como motoristas, entregadores, ou qualquer outro tipo de trabalho realizado com a mediação de Tecnologia de Informação e Comunicação. Dessa forma, tem sido uma demanda cada vez mais premente a formação desse novo tipo de trabalhador, exigindo da escola (mas não só dela) a formação de habilidades e competências empreendedoras. Em outras palavras, a cada dia que passa será exigido de cada um de nós a capacidade de sobreviver a partir das próprias capacidades, já que ao Estado caberá ser permanentemente austero para garantir que o pagamento dos juros (cada vez mais altos) da dívida pública sejam pagos em dia.

Como um dos maiores agentes privados formuladores e implementadores de uma pedagogia política no Brasil, o Grupo Globo cria o Movimento LED em 2022 com o intuito de promover iniciativas inovadoras em educação. Defendemos que esse movimento encobre reais intenções, quais sejam, a de difundir uma agenda de educação que incorpore pautas de opressões de forma alienada cujo propósito principal é atrasar cada vez mais a consciência de unicidade da exploração de classe. E além disso, difundir o trabalho digital como o horizonte profissional da juventude periférica brasileira, deixada à própria sorte na dinâmica de reorganização produtiva em decorrência das crises capitalistas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INSTITUTO CÍCLICA. **O Futuro do mundo do trabalho para as juventudes Brasileiras** / organizado por Itaú educação e trabalho ; São Paulo : Itaú educação e trabalho , 2023.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Educação empreendedora em rede**: Sebrae e Futura lançam cursos e e-book. 28 de dez. de 2023. Disponível em [Sebrae e Futura lançam cursos e e-book](#) Acesso em 20 de out. de 2024.

GLOBO. **Faça parte da Comunidade LED-Luz na Educação**. 08 de jun. de 2022. Disponível em [Faça parte da Comunidade LED - Luz na Educação | Movimento LED – Luz na Educação | somos](#) Acesso em 26/10/2024.

MAGALHÃES, Ramon Mendes da Costa. **O empreendedorismo nas escolas estaduais do Estado do Rio de Janeiro: uma nova saída para a crise do capital?** 2023. 363f. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

MARTINS, André; OLIVEIRA, Daniela; NEVES, Lucia Maria Wanderley; MELO, Marcel Paula de; SANTOS, Marco Antonio Carvalho. **Fundamentos teóricos da formação/atuação dos intelectuais da nova pedagogia da hegemonia**. In. NEVES,



Lucia Maria Wanderley (Org.). *Direita para o social e esquerda para o capital: intelectuais da nova pedagogia da hegemonia no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Educação Empreendedora**. Disponível em [Programa Educação Empreendedora — Ministério da Educação](#) Acesso em 20 de out. de 2024.

SEBRAE. **Empreendedorismo nas escolas**. Disponível em [Educação Empreendedora - Sebrae](#) Acesso em 20 de out. de 2024.